

Sr. Pivete

David Walliams

Ilustrado por Quentin Blake

Tradução de Rita Amaral

1

Raspa e cheira

O Sr. Pivete tresandava. Aliás, fedia. E se fedorentíssimo for uma palavra em português, então o cheiro dele era fedorentíssimo. Ele era o fedorento mais fedorento que alguma vez existiu.

O pivete é o pior tipo de cheiro que existe. Um pivete é pior do que um fedor. E um fedor é pior do que um cheirete. E um cheirete já é suficiente para fazer com que os narizes fiquem encorilhados.

O Sr. Pivete não tinha culpa de cheirar mal. Afinal de contas, ele era sem-abrigo. Não tinha uma casa, por isso também não tinha oportunidade de tomar um bom banho, como eu ou tu temos. Depois de algum tempo, o cheiro dele piorou. Podes ver aqui uma imagem do Sr. Pivete.



Com um laço e casaco em *tweed*, ele até tem bastante estilo, não tem? Mas não te deixes enganar. A ilustração não faz jus ao cheiro dele. Este podia ser um daqueles livros que raspas e cheiras, mas o cheiro seria tão mau que terias de o deitar ao lixo. E depois enterrar o caixote do lixo. E seria preciso enterrá-lo bem fundo...

Aquela cadelinha preta ao lado do Sr. Pivete é a Duquesa. A Duquesa não tinha raça, era apenas uma cadela. Ela também cheirava mal, mas não tão mal como o Sr. Pivete. Nada no mundo cheirava tão mal como ele. Exceto a sua barba, que estava cheia de pedaços esquecidos de ovo, salsicha e queijo que lhe foram caindo da boca ao longo dos anos. A barba nunca fora lavada, por isso tinha um cheirete muito particular, ainda pior do que o odor habitual.

Certa manhã, o Sr. Pivete simplesmente apareceu na vila e fez de um velho banco de jardim a sua residência. Ninguém sabia de onde tinha vindo nem para onde ia. Em geral, as pessoas da vila eram simpáticas com ele. Por vezes deixavam-lhe uma moeda aos pés, antes de se apressarem a fugir, com os olhos ligeiramente lacrimejantes. Mas ninguém era verdadeiramente *simpático* com ele. Ninguém parava para lhe dirigir a palavra ou conversar.

Pelo menos até ao dia em que uma menina arranjou finalmente coragem para lhe falar – e é aqui que começa a nossa história.

– Olá – disse a menina, a voz a tremer de nervos.

A menina chamava-se Chloe. Tinha apenas 12 anos e nunca conversara com um sem-abrigo. A mãe proibira-a de falar com “tais criaturas”. Nem sequer concordava que a filha falasse com os miúdos do bairro social da zona. Mas Chloe não achava que o Sr. Pivete fosse uma criatura. Considerava, isso sim, que ele era alguém que parecia ter uma história muito interessante para contar – e se havia algo que Chloe adorava, era uma boa história.

Chloe costumava passar pelo Sr. Pivete e pela cadela dele todos os dias, no carro dos pais, a caminho da escola privada e chique que frequentava. Quer fizesse sol ou estivesse a nevar, o Sr. Pivete estava sempre sentado no mesmo banco, com o animal aos pés. Chloe costumava observá-lo pela janela do automóvel e interrogava-se acerca da vida dele, enquanto se refastelava nos luxuosos bancos em pele, ao lado da irmã mais nova, Anabelle, que era venenosa como uma cobra.

Milhões de pensamentos e de perguntas passavam pela cabeça de Chloe. Quem era ele? Por que razão vivia na rua? Alguma vez teria tido uma casa? O que comia a cadela? Teria amigos ou família? E, se sim, saberiam eles que o Sr. Pivete era sem-abrigo?

Onde é que ele ia no Natal? Se alguém lhe quisesse escrever uma carta, que morada devia escrever no envelope? “O banco, sabes, aquele, mesmo a seguir à paragem de autocarro”? Quando fora a última vez que tomara banho? E será que o nome dele era *mesmo* Sr. Pivete?

Chloe era o género de menina que adorava perder-se nos pensamentos. Era frequente sentar-se na cama e inventar histórias acerca do Sr. Pivete. Sentada no quarto, sozinha, inventava todo o tipo de contos fantásticos. Talvez o Sr. Pivete fosse um velho herói da marinha que ganhara dezenas de medalhas por heroísmo, mas que não conseguira adaptar-se à vida em terra. Ou talvez fosse um cantor de ópera famoso que, certa noite, depois de atingir a nota mais alta numa ária na Royal Opera House, em Londres, perdera a voz para nunca mais cantar. Ou talvez fosse, na verdade, um agente secreto russo que tivesse montado um elaborado disfarce de sem-abrigo para espiar as pessoas da vila.

Chloe não sabia nada acerca do Sr. Pivete. Mas o que ela soube no dia em que parou para falar com ele pela primeira vez foi que ele parecia precisar da sua nota de cinco euros *muito* mais do que ela.

Ele também parecia só. Não apenas sozinho, mas só, lá no fundo da alma. Por isso, Chloe sentia-se triste. Ela sabia bem como era sentir-se só. A menina não gostava muito da escola. A mãe insistira numa escola privada e chique, apenas para raparigas, e ela não tinha feito qualquer amiga lá. Chloe também não gostava muito de estar em casa. Onde quer que estivesse, sentia-se sempre deslocada, como se não pertencesse a lado algum.

Além disso, esta era a altura do ano de que Chloe menos gostava. O Natal. É suposto que toda a gente adore o Natal, especialmente as crianças. Mas a menina odiava o Natal. Odiava as decorações, odiava os doces, odiava as canções, odiava ter de ver o discurso da Rainha na televisão, odiava o facto de nunca nevar o suficiente, odiava ter de se sentar com a família para um jantar muito, muito longo e, acima de tudo, odiava ter de fingir que estava feliz apenas por ser 25 de dezembro.

– Precisa de alguma coisa, minha menina? – perguntou o Sr. Pivete.

A voz dele tinha uma pronúncia inesperadamente chique. Como nunca tinham parado para falar com ele, o idoso olhou

para esta menina rechonchuda de forma algo desconfiada. Subitamente, Chloe sentiu-se um pouco assustada. Talvez não tivesse sido assim tão boa ideia falar com um velho sem-abrigo. Tinha estado a preparar-se para este momento há semanas, aliás, há meses. A menina não tinha imaginado a conversa assim.

Para piorar as coisas, Chloe teve de parar de respirar pelo nariz. O cheiro estava a começar a afetá-la. Era como um ser vivo, trepando pelas narinas acima e queimando-lhe a parte de trás da garganta.

– Hmm, bem, desculpe incomodá-lo...

– Sim? – disse o Sr. Pivete, um pouco impaciente.

Chloe foi apanhada de surpresa. Porque é que ele estava com tanta pressa? Estava *sempre* sentado naquele banco. Não era como se, de repente, tivesse de ir para outro sítio.

Naquele momento, a Duquesa começou a ladrar-lhe. Chloe sentiu-se ainda mais assustada.

Ao aperceber-se disso, o Sr. Pivete puxou a trela da Duquesa (que era, na verdade, apenas um velho pedaço de corda), encorajando-a a calar-se.

– Bem – continuou Chloe, de forma nervosa –, a minha

tia deu-me cinco euros para eu comprar um presente de Natal para mim. Mas eu realmente não preciso de nada e achei que lhos podia dar.

O Sr. Pivete sorriu. Chloe também sorriu. Por momentos, parecia que ele ia aceitar a oferta da menina, mas depois olhou para o chão.



– Obrigado – disse ele. – É uma gentileza inimaginável, mas não posso aceitar, desculpa.

Chloe ficou confusa.

– Porquê? – perguntou ela.

– És apenas uma criança. Cinco euros? Isso é demasiado generoso.

– Mas eu pensei...

– É muito simpático da tua parte, mas receio não poder aceitar. Diz-me, quantos anos tens, minha menina? Serão 10?

– Tenho 12! – respondeu Chloe, falando mais alto. Era um pouco baixa para a idade, mas gostava de pensar que era adulta noutros sentidos. – Tenho 12. Faço 13 a 9 de janeiro!

– Desculpa, tens 12. Quase 13. Vai comprar um daqueles novos discos musicais a que chamam CD. Não te preocupes com um velho vagabundo como eu – replicou ele, sorrindo. Tinha um brilho especial nos olhos quando sorria.

– Se não for demasiado atrevida – prosseguiu Chloe –, posso fazer-lhe uma pergunta?

– Sim, claro que podes.

– Bem, eu adorava saber porque é que mora num banco e não numa casa, como eu?

O Sr. Pivete moveu-se ligeiramente e pareceu ficar ansioso.

– É uma longa história, minha querida – respondeu ele.

– Talvez te conte noutro dia.

Chloe ficou desapontada. Nem sequer tinha a certeza de

que *haveria* outro dia. Se a mãe descobrisse que ela estava a falar com este homem (já para não falar na oferta de dinheiro), iria, sem dúvida, passar-se.

– Bem, desculpe incomodá-lo – disse Chloe. – Tenha um ótimo dia.

Assim que as palavras lhe saíram da boca, a menina arrependeu-se. Que coisa mais estúpida para dizer! Como é que ele poderia ter um ótimo dia? Era um velho vagabundo malcheiroso e o céu começava a ficar escuro com nuvens negras. Deu uns passos pela rua acima, sentindo-se envergonhada.

– O que é isso nas tuas costas, minha querida? – gritou o Sr. Pivete.

– O que é que está nas minhas costas? – perguntou Chloe, tentando olhar por cima do ombro. Pôs o braço atrás das costas e arrancou um papel que estava colado ao casaco. Olhou para o papel.

Havia apenas uma única palavra, escrita em letras grossas e negras.

TOTÓ!

Chloe sentiu o estômago a dar voltas da humilhação. Fora certamente Rosamund quem lhe colara o papel nas costas quando saíam da escola. Rosamund era a líder de um grupo de miúdas fixes. Estava sempre a gozar com Chloe, chateando-a por comer demasiados doces, ou por ser mais pobre do que as outras alunas do colégio, ou por ser a menina que nenhuma equipa queria nos jogos de hóquei. Nesse dia, quando Chloe saía da escola, Rosamund dera-lhe várias palmadinhas nas costas, dizendo “Feliz Natal”, enquanto as outras raparigas riam. Agora a menina sabia porquê. De forma vacilante, o Sr. Pivete levantou-se do banco e tirou-lhe o papel das mãos.



– Nem quero acreditar que andei com isso nas costas durante toda a tarde – disse Chloe. Ficou envergonhada e sentiu as lágrimas subirem-lhe aos olhos, por isso virou o rosto para o lado, fingindo pestanejar devido ao brilho do sol.

– O que se passa, jovem? – perguntou gentilmente o Sr. Pivete.

Chloe fungou.

– Bem – começou ela –, é verdade, não é? Sou mesmo uma totó.

O Sr. Pivete baixou-se para olhá-la nos olhos.



– Não – respondeu com autoridade. – Não és uma totó. Aliás, a verdadeira totó é a pessoa que te colou isso nas costas.

Chloe tentou acreditar nele, mas não conseguiu. Desde sempre se sentira uma totó. Talvez Rosamund e todas as outras raparigas do grupo dela tivessem razão.

– Só há um lugar para isto – garantiu o Sr. Pivete. Amassou o pedaço de papel e, tal como um jogador profissional de críquete, atirou-o com mestria para dentro do balde do lixo. Chloe registou o gesto e a imaginação da menina começou imediatamente a voar: teria sido ele capitão da equipa de críquete de Inglaterra?



O Sr. Pivete esfregou as mãos.

– Já te livraste desta!

– Obrigada – murmurou Chloe.

– Não tens de quê – retorquiu o Sr. Pivete. – Não deves deixar que esse tipo de pessoas te deitem abaixo.

– Vou tentar – disse Chloe. – Foi um prazer conhecê-lo, Sr.... Hmm... – A menina hesitou. Toda a gente lhe chamava Sr. Pivete, mas ela não sabia se ele tinha consciência disso. E achou que seria mal-educada se lhe dissesse.

– Pivete – respondeu ele. – Chamam-me Sr. Pivete.

– Ah. Prazer em conhecê-lo, Sr. Pivete. Eu sou a Chloe.

– Olá, Chloe – saudou o Sr. Pivete.

– Sabe, Sr. Pivete – disse Chloe –, acho que ainda vou às compras. Precisa de alguma coisa? Um sabonete, ou algo do género?

– Obrigado, minha querida – replicou ele. – Mas não preciso de sabonetes. Ainda no ano passado tomei banho. Mas *adorava* umas salsichas. De facto, adoro salsichas bem carnudas...